

**MAXADO NORDESTINO:
VIDA E OBRAS DE UM CORDELISTA DESLOCADO
NAS DÉCADAS DE 60 E 70**

Roberto dos Reis Cruz (UFBA)

roberttreis2012@yahoo.com.br

Benedito José de Araújo Veiga (UFBA)

bveiga@uol.com.br

Podia dizer que também era de formação socialista e, naquele foco do Capitalismo, em pleno "Milagre Econômico", não podia discutir minhas ideias e pensamentos livremente.

Franklin Maxado

(Verbo21 Revista de Literatura e Cultura, 2008)

1. *Franklin Maxado: trajetória, produções artísticas e literárias*

Franklin de Cerqueira Machado completou no dia 15 de março, 70 anos de idade, nascido em Mundo Nova (BA), mas cresceu na cidade de Feira de Santana (BA). Bacharel em direito pela Universidade Católica do Salvador e em jornalismo pela Universidade Federal da Bahia.

O texto toma como base a entrevista e ilustra um pouco da história da época, de suas experiências e memórias de vida de Franklin Maxado, antes mesmo de tornar-se escritor e poeta. Na década de 60, quando estudante, o jovem já apresentava vocação no campo das artes e da literatura de cordel, embora sem formação acadêmica; os seus escritos, suas críticas e experiências com a imprensa, influenciariam na sua formação futura, e consequentemente em cordelista.

Ao mudar para São Paulo, Maxado já havia sacudido a cultura de Feira de Santana, com o espetáculo "Natal em Gotham City" (1969), dirigido por Diolindo Checucci, sob influência de outros atores feirenses. Ele escreveu a peça: *A Guerrinha des Boneques*, que trata dos problemas do chamado terceiro sexo.

Em 1971, despediu-se de sua terra natal para ir para São Paulo, mas antes ele apresentou um espetáculo músico-teatral: "Terra de Lucas", um show e espetáculo inspirado no marginal negro Lucas da Feira;

seus versos também não pouparam a imagem desse personagem cujo título era o *ABC de Lucas*, em cordel.

O *Álbum de Feira de Santana*, por exemplo, publicado em 1966, como sua primeira obra, é um marco disso. O referido livro traz imagens e memórias representadas através de desenhos e histórias, o qual aborda o cantador de viola, o poeta de cordel, o camelô e outras manifestações populares. Traz as primeiras impressões e inspirações literárias na consagração do poeta Maxado. Com traços marcantes, os desenhos representados possibilitam o leitor e ou os apreciadores a conhecerem melhor a cidade feirense. Com vocação literária, espírito e habilidade em traçar a cultura local, as imagens tinham um teor cultural, sociológico e antropológico.

O livro nos apresenta como era a cidade de Feira de Santana e a sua relação com os cantadores e cordelistas dessa época. Então, a “Princesinha do Sertão” dava acesso a outros artistas, cordelistas nordestinos, e com isso deixavam a grande feira livre, com cegos cantadores, sanfoneiros e cantores, um lugar híbrido com seus sotaques.

Pela sua curiosidade, Maxado aprendeu a técnica de desenhar em madeira, e talvez a arte do cordel já estivesse internalizada no autor e só dependia de suas habilidades a serem postas em prática. Em contato com serraria de seu tio Osvaldo Boaventura, o jovem aprendeu sobre ferramentas e os tipos de madeira. Além disso, o contato e convivência com seus familiares na roça, com carpinteiros e instrumentos rudes para cortar madeiras; o motivaram pelo artesanato. Ainda como estudante, fez um desenho em alto relevo em um pedaço de madeira.

Registra-nos o poeta que ele tornou-se um xilógrafo profissional em 1976, “quando o intelectual Zacarias José me encomendou, em São Paulo, uns tacos (matrizes) para ilustrar o folheto sobre acidentes do trabalho, pois ele viu meus desenhos no *Álbum de Feira*, [...]” (MAXADO, 2008). Além de Maxado demonstrar tamanha habilidade com a xilografia, o poeta teve influências de dois xilógrafos: Caribé e Sinésio Alves, este último, “um desenhista popular” e ilustrava as capas dos folhetos dos celebres cordelistas Cuíca de Santo Amaro e Rodolfo Cavalcante, e outros poetas cordelistas baianos.

Franklin Maxado é um dos cordelistas contemporâneos indicados nas universidades, pesquisadores e leitores da literatura de cordel. Ele é “considerado um divisor de águas na arte do cordel”. Além de versar e imprimir sobre diversas temáticas nos folhetos, o autor é um poeta enga-

jado no assunto pela publicação de livros teóricos do gênero. Maxado assume a profissão de poeta pela valorização da arte, cultura local e registra nos seus versos elementos da cultura e das manifestações artísticas e culturais de Feira de Santana e do Nordeste.

O poeta feirense, ainda no gozo de sua profissão, escreve e vende folhetos de cordel ilustrados por xilogravuras feitos por ele mesmo. Para Maxado, o mais importante “é interpretar e teorizar sobre o povo, já que as origens do cordel são as mesmas da poesia, da literatura, do jornalismo e do Direito”. (MAXADO, 2008)

Com mais de quatro décadas de profissão, o cordelista insere na sua poesia versatilidade temática, escrevendo desde infanto-juvenis a erótico, romances, casos, lendas, denúncias, tratando de um universo fabuloso, picaresco, histórico, regional, urbano, político, dentre outros. Tudo isso move a sua escrita por entender que a arte literária vai além da razão e do coração, porque alma é o que faz a sua escrita ser tão diferente de outros cordéis, de forma que tanto o coração quanto a razão não são desprezados na criação em suas criações. Maxado Nordestino, aos poucos vai se descobrindo no meio artístico e literário, ampliando as suas reflexões.

Com as profissões de poeta, cordelista, ator, professor, advogado, jornalista, compositor e xilógrafo, o poeta feirense faz xilogravura sem pretensões, mas a qualidade de seus desenhos tem grande repercussão quando passam a ilustrar seus próprios folhetos, de colegas e a investigar mais essa técnica através de outros xilógrafos pelo Brasil. Em 1984, a editora Codecri/Jornal Pasquim publica o livro *Cordel, Xilogravura e Ilustrações*. Antes desse, Maxado tem outra obra, *O Nordeste de F. Maxado em 22 Xilogravuras* (ensaios), editado pela Edicordel, São Paulo, em 1980. O livro ainda contou com a apresentação do americano Mark Curran.

O contato com os poetas nordestinos, tais como: Antonio Alves, João Ferreira da Silva, Erotildes Miranda (cearenses) e de outras regiões, e de vaqueiros feirantes permitiram a Maxado uma experiência inspiradora na composição de suas obras, como por exemplo, a música “Onde o Nordeste se encontra no Nordeste”, em cuja composição insere o cordel, o xaxado, chula, samba de roça, misturando a cultura popular em sua poética.

O livro *O Que É Literatura de Cordel?* (1980) com os prefácios do jornalista Juarez Bahia e do escritor Sergipano Paulo Dantas, tem a

primeira edição do jornal Pasquim, Rio de Janeiro. Ambos não se pouparam ao tecerem comentários de sua riqueza poética, madura, espontânea e despojada. Eles enfatizam também o percurso e o pioneirismo de Maxado com o cordel, a xilogravura e ilustrações.

Recentemente o livro mencionado foi reeditado em 2012, no Museu de Arte Contemporânea (MAC), em Feira de Santana, trazendo outro título: *O Que É Cordel na Literatura Popular*, uma vez que já consta outra obra com esse mesmo título. A segunda edição da obra foi publicada pela Editora Queima Bucha. No ensejo, o cordelista aproveitou para expor os seus desenhos/xilogravuras.

Como jornalista, ele trabalhou um ano na folha de São Paulo, no *Diário Popular*, na Sucursal de *A Tribuna*, de Santos, e no *Diário do Grande ABC*. Antes de ir para São Paulo, ele fundou a primeira Sucursal de um diário da capital no interior. Após ter feito isso, as *Emissoras e Diários Associados*, o convidaram para fundar a sucursal de Feira de Santana, codirigindo por três anos, a convite do Jornalista Juarez Bahia.

Franklin Maxado descobriu a profissão de Jornalismo em 1962, quando ainda militar, na caserna do exército, ele lia muitos jornais e revistas, além de ter sido incentivado pelos colegas a estudar este curso. Em 1964, assinou uma matéria de capa no caderno de variedades de *A Tarde*.

Parte da entrevista abaixo foi publicada em 29 de junho de 2008, para revista digital *VERBO21 de Literatura e Cultura*. Seguem alguns trechos que corroboram com a proposta de investigação. Em primeira instância, Maxado rememora o processo histórico e político da época, quando destaca os conflitos existentes na década de 60 quando ainda era um jovem estudante. Franklin Maxado integrou o grupo que organiza a primeira greve estudantil em Feira de Santana. Este processo se alargou e afetou o quadro político e intelectual, principalmente, a vida universitária, notadamente as consequências se expressam no campo das “investigações literárias”. Para Veiga, “a década de 60 [...] para seus estudiosos [...], é um momento de contradições marcantes: de fracassos, de incertezas, de oportunidades perdidas, sendo por vezes, objeto de memórias nostálgicas [...]” (VEIGA, 2003, s.p.)

LT – Já atuava enquanto jornalista antes de se formar? Por que resolveu fazer Direito? (TRINDADE, 2008)

FM – Com amigos no tradicional jornal Folha do Norte, frequentei sua oficina e comecei a escrever para ele. Em 1964, assinei uma matéria de capa

no caderno de variedades de A Tarde, a convite do Dr. Jorge Calmon, que me colocou como correspondente para a região de Feira de Santana, por não poder me empregar na época, pois fazia Direito e era muito ocupado. Direito foi uma opção pela área de Humanidades, já que Matemática e Ciências Exatas não me atraíam. Por causa delas, deixei de fazer Agronomia em Cruz das Almas, que, talvez, fosse a minha vocação, já que gosto muito de animais, da natureza e do campo, além da herança de descendente de portugueses colonizadores ligados à terra. Assim, sou um fazendeiro frustrado. Descobri o Jornalismo em 1962, na caserna do CPOR do Exército, porque levava muitos jornais para ler e aí o colega Joaci Lisboa me disse: Machado dá é para jornalista. E, como rapaz do interior, não sabia que tinha esse curso. Outros sim, também gostava de escrever e de ler. Nisso, puxei ao meu pai, que era dentista e lia muitos jornais e revistas. (MAXADO, 2008)

O contato com o jornal *Folha do Norte*, desperta Maxado para a formação em jornalismo. O acesso à leitura de jornais, revistas desencadearam ao artista um futuro nas artes literárias, principalmente da literatura popular, de cordel, considerada a composição mais difícil, que segundo Maxado, nem Drummond conseguiu. Maxado antes de deixar de ser jornalista e advogado, ouviu colegas e amigos, principalmente o antropólogo Ronaldo Senna, a folclorista pernambucana Maria da Penha Guimarães e o intelectual sergipano José Mozart Pinho de Menezes.

Franklin Maxado ao tornar-se profissional na arte do cordel, lança o seu nome artístico e literário para Maxado Nordestino, que desencadeou em Franklin Maxado Nordestino, isso nos folhetos de cordel, mas ao ilustrar as suas xilogravuras, em madeiras, então, seu nome é subtraído para duas letras ou sete apenas: F. M. ou F. Maxado. Na grande São Paulo, a sua marca registrada é o de ser “nordestino”. Isso reafirmava as suas origens e culturas do nordeste, especificamente a de Feira de Santana.

O cordel é uma poesia tradicional que obedece a um ritmo e uma lógica da narração, pois provem da oralidade. Se você tenta inovar radicalmente ou quebrar isso, você afasta o público tradicional e termina fazendo uma poesia qualquer ou erudita com palavras sofisticadas, deixando de ser cordel. (MAXADO, 2008- texto online)

Por isso, Maxado foi considerado por Raymond Cantel, professor da Universidade de Sorbonne, como um divisor entre o velho e o novo cordel. Preocupado com a divulgação da cultura popular, o poeta viaja pelo Brasil com os seus folhetos, pesquisando e escrevendo a realidade do povo. Assim, as suas narrativas, estão em constante renovação.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO, Franklin de C. *Protesto à desuman-Idade*. Correspondência: São Paulo, 1970/75.

VEIGA, Benedito. *Memória da vida literária baiana: década de 60* (indexação do suplemento dominical do *Diário de Notícias*: 1956-1971). Salvador: UNEB/Quarteto, 2003.

<<http://www.verbo21.com.br/v1/index.franklin-machado-literatura-de-cordel&ca>>. Acesso em: 16-01-2013.